

MARTINS, Maria Julia Stella. O que pode o corpo? Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestrado, Márcia Maria Strazzacappa Hernandez. CNPq-Capes. Pesquisadora e performer.

RESUMO

Tomar o corpo como aliado e estabelecer uma relação de aliança, como um parceiro de viagem que conduz o mergulho no desconhecido, para investigar através de experimentações e reflexões o que pode o corpo. Cada processo de improvisação do movimento e criação permite mergulhar cada vez mais fundo na imensidão e no desconhecido do corpo, são variações de um corpo que não cessa de se recriar em movimentos e relações que estabelece consigo e com o meio. Para investigar o corpo e os processos criativos parte-se da questão “o que pode o corpo?”, proposta pelo filósofo holandês Baruch de Spinoza (1632-1677), de seu pensamento serão destacados elementos que se referem ao corpo e aos encontros entre corpos.

PALAVRAS CHAVE: Corpo: Improvisação do Movimento: Processo de Criação.

ABSTRACT

Considering the body as an ally and establishing a bonding relationship as if it were a travel partner leading the plunge into the unknown, in order to investigate through experimentation and reflection what is the Body capable of. Each process of motion improvisation and creation allows deeper diving into the vastness and the unknown body - those are variations of a body which is constantly recreating itself in movements and establishing relationships with itself and with the environment. To investigate the body and the creative processes, to feed the question "what is the body capable of?" – made by a Dutch philosopher named Baruch Spinoza (1632-1677), who first formulated it. From his thinking will be highlighted elements that refers to the body and the encounters between bodies.

KEYWORDS: Body: Movement improvisation: Creation process.

O que pode o corpo?

O que meu corpo me sugere? O que apreendo do / com o / no corpo? O que pode meu corpo e o que quer me ensinar? Quais alianças faço com e a partir dele? Quais composições?

Não sei, apenas posso alcançar respostas parciais, fragmentos que são pequenos indícios sobre meu corpo. Quando penso ter alcançado alguma resposta, ele (o corpo) me apresenta um novo desafio, lança minhas certezas pela janela num sobrevoo no desconhecido e me faz recomeçar do zero. A única coisa que sei, ou mesmo intuo saber, é que ele me permite afirmar que existo. Existo porque sou um corpo. Nada a mais, nada a menos. Um processo que se iniciou na combinação de duas células, que geraram um ovo, que passou a se dividir e continuará se dividindo até o momento da última pulsação, do último suspiro, engendrando uma sucessão de transformações

que nós chamamos de “existência”, a história de um corpo. A história do meu corpo.

A hipótese aqui lançada é tomar o corpo como aliado, estabelecendo uma relação de aliança, como um parceiro de viagem para o mergulho no desconhecido. É nele, no corpo, e através dele, que podemos encontrar as questões e as respostas que impulsionam e conduzem a investigação e a experimentação enquanto nos ocupamos em existir, o que significa dizer que as buscas, os aprendizados, as reflexões e as conquistas que realizamos e que definem nossa trajetória pessoal, nossa história de vida, têm seu começo, sua potência de realização e seu fim no corpo e nos encontros e composições que ele faz. Esta afirmação parece óbvia, mas é necessário lembrar que do corpo pouco sabemos, o que torna a investigação através e no corpo um processo que germina e se desenvolve no campo do desconhecido, das incertezas, das respostas parciais, pequenas verdades que se configuram e se desmancham ao mesmo tempo. O que se constrói são castelos de areia e o que se exige é que tenhamos a mesma perseverança e entusiasmo das crianças quando brincam na beira da praia, enquanto se ocupam em construir castelos que serão carregados para o mar assim que estiverem prontos. Mas é no processo de construção do castelo que estão disponíveis todos os saberes de que necessitamos para aperfeiçoar o próprio processo de construção, um castelo cada vez maior, com outros contornos, com um buraco maior, com torres de pingos de areia molhada, com passagens para a água. Quando a onda bate e destrói parcialmente o castelo, ouvem-se gritos e risadas, uma agitação se instaura e, logo em seguida, vem a necessidade de espezinhar aquele castelo até que não reste mais forma alguma, apenas areia e água. A mão que constrói e o pé que espezinha são partes do mesmo corpo-aliado-viajante que não se cansa de construir castelos de areia. O buraco que restou na areia pode servir como uma represa na entrada de outro castelo que começa a ser construído novamente.

Pode-se perceber o trabalho corporal, a improvisação do movimento e o processo de criação, como trabalho contínuo e único de experimentação que se constrói ao longo de cada prática. Ao final, o que se pode observar não é um produto acabado, mas apenas vestígios e indícios que nos dizem que algo foi construído e que nos impulsiona a iniciar um novo processo. Cada processo de improvisação e criação nos permite mergulhar cada vez mais fundo na imensidão e no desconhecido do corpo, são variações de um corpo que não cessa de se recriar em movimentos e relações que estabelece consigo e com o meio, trazendo à tona as questões: “O que meu corpo me sugere? O que apreendo do / com o / no corpo? O que pode meu corpo e o que quer me ensinar? Quais alianças faço com e a partir dele? Quais composições?”

Para alimentar estas questões, que não se querem respondidas, mas, antes, pedem para ser entendidas como questões-guias, geradoras de reflexões e experimentações, parte-se das proposições do filósofo holandês Benedito Espinoza¹ (1632-1677).

¹ Espinoza ou Spinoza; as duas grafias foram encontradas, optaremos pela grafia Espinoza, como aparece na obra *Espinoza. Filosofia prática*, escrita por Gilles Deleuze em 1970 e publicada no Brasil em 2002, pela Editora Escuta.

Espinoza era polidor de lentes, ofício que herdou do pai e desenvolveu ao longo de toda a vida, dizem que sua morte decorre da tuberculose desenvolvida ao inalar, enquanto polia lentes, os resíduos de pó de vidro. Suas proposições foram como lentes que ajustaram o foco das ideias, das reflexões, das relações, das hipóteses e das dúvidas que se conjugaram ao longo deste texto. Deste modo, busca-se apresentar elementos que foram destacados da obra de Espinoza que se referem ao corpo e aos encontros entre corpos.

Espinoza nos provoca e nos impulsiona à reflexão ao afirmar que do corpo nada sabemos, não sabemos do que o corpo é capaz, pois são infinitas suas possibilidades de composições e decomposições a partir dos encontros com outros corpos. Os encontros entre corpos são os eventos que os afetam, produzindo aumento ou diminuição da potência de agir ou da energia vital, daquilo que os impulsiona a manter sua condição de existência.

Deus, para Espinoza, é a natureza, a natureza produtora. Ele abandona a ideia da natureza como uma criação a partir de algo externo, como por exemplo, um Deus; e traz para o centro da reflexão a ideia de uma natureza produtora que opera através dos encontros e das relações dos atributos e dos corpos. Portanto, a essência da natureza é a produção, é aquilo que produz, é atividade, é a essência da substância, é potência de agir. Sendo assim, a extensão e o pensamento são atributos ou modos da mesma substância, Deleuze afirma que para Espinoza: “A vida não é uma ideia, uma questão de teoria. A vida é uma maneira de ser, um mesmo modo eterno em todos os seus atributos” (DELEUZE, 2002, p. 19). Esta afirmação traz a singularidade do pensamento do filósofo holandês que apresenta como tese central a afirmação de que há uma única substância que possui uma infinidade de atributos, “*Deus sive Natura*” (ESPINOZA *apud* DELEUZE, 2002, p. 23), sendo os seres e as coisas apenas os modos desses atributos ou modificações dessa substância.

Em sua obra *Ética*, escrita entre os anos de 1661 e 1675, publicada postumamente, Espinoza traz na Proposição 2, da terceira parte, denominada “A origem e a natureza dos Afetos”, a seguinte afirmação: “Nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso, ou qualquer outro estado (se é que existe)” (SPINOZA, 2008, p. 167). Para esclarecer esta proposição, Espinoza faz diversas demonstrações que comprovam a interdependência e inseparabilidade entre corpo e mente, de modo que ambos não podem ser tomados separadamente, como substâncias distintas, pois corpo e mente não se tratam de coisas distintas, mas, sim, atributos diversos da mesma substância: “que a mente e o corpo são só e a mesma coisa, a qual é concebida ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão” (SPINOZA, 2008, p. 167).

O filósofo afirma que as decisões da mente variam de acordo com as disposições do corpo; portanto, as decisões da mente nada mais são do que os próprios apetites do corpo. Do mesmo modo que, para que uma ação seja concluída, é necessário que ambos estejam mobilizados, corpo e mente. Disto resulta que tanto a decisão da mente quanto o apetite e a determinação do corpo são coisas simultâneas por natureza, não havendo, deste modo, qualquer tipo de hierarquia de um atributo sobre outro.

Essas proposições possibilitam que se possa compreender corpo e mente como atributos que não se definem separadamente, o que nos coloca diante do desconhecimento acerca do corpo, da mente e das composições que se pode estabelecer, de modo que não conseguimos delimitar em que medida um atributo interfere e age sobre o outro e quais seriam os modos e os meios possíveis de combinações entre eles.

Ao propor o corpo como modelo filosófico, Espinoza nos provoca a refletir sobre o pouco que sabemos sobre o corpo, o pensamento, as infinitas relações que se desdobram das composições destes atributos, suas possíveis manifestações e o modo como conhecemos e nos apropriamos destes eventos. “O corpo ultrapassa o conhecimento que dele temos, do mesmo modo que o pensamento ultrapassa a consciência que dele temos” (DELEUZE, 2002, p. 24).

Espinoza pensa a realidade e a existência como encontro entre corpos. Estes encontros podem ser bons encontros ou maus encontros. Os bons são os encontros alegres, que aumentam a potência de agir. Enquanto os maus são os encontros tristes, que diminuem a potência de agir. A partir da alegria, pode-se atribuir valor ao mundo, e o valor não está nas coisas em si, mas, sim, no modo como afetam o corpo. Neste sentido, o valor não é um atributo intrínseco às coisas e aos corpos, mas está no que se produz a partir do encontro com e entre eles. O que se propõe é aumentar os níveis de alegria. Coisas boas e coisas más obtêm valor na medida em que produzem o aumento ou a diminuição da alegria, da energia vital, da potência de agir. A alegria é uma passagem para um estado mais potente do ser. É um encontro com o mundo que determina no próprio corpo o aumento da potência de agir. Uma coisa é boa quando aumenta essa potência, e outra coisa é má quando a diminui. Não há um ideal a ser atingido, não há uma ideia determinada do que é belo, bom e correto, a valoração se dá a partir do encontro de corpos que podem aumentar ou diminuir a potência de agir. Portanto, a ideia de Moral, de um conjunto de valores externos aos seres humanos que devem conduzir suas ações, é substituída pela ideia de Ética, um conjunto de valores determinado pelos seres humanos a partir das relações que estabelecem buscando o aumento da potência de agir que deriva dos encontros que convém ao corpo. Não se pergunta o que se deve fazer tendo como referência um parâmetro externo, mas, antes, pergunta-se o que ou do que somos capazes, o que ressoa e aumenta nossa potência de agir.

Quando criamos e improvisamos o movimento, podemos perceber na carne que do corpo nada sabemos, pois o que se pode observar quando se cria e se improvisa é a variação de um movimento único, o mergulho no desconhecido, do corpo e do pensamento, para ultrapassar as condições dadas pela nossa consciência, desestabilizando o conhecimento que se tinha até então para desvelar o enfrentamento do novo. É no enfrentamento do novo que se cria, que se produz novos modos de vida, que se produz conhecimento. Quando se cria e se improvisa, o corpo pode engendrar encontros alegres; neste caso, a alegria poderia ser descrita como um estado de ação e observação conjugados: move-se, mas não se define o movimento antes de ele acontecer, movimento e pensamento acontecem simultaneamente em decorrência do encontro do corpo com outros corpos e com o desconhecido.

Este encontro é um encontro alegre, na medida em que pode aumentar a potência de agir, a energia vital. A mobilização das forças produtivas e ativas do corpo através da criação e da improvisação do movimento podem produzir novos modos de vida, podendo, em alguma medida, produzir um tipo de conhecimento que deriva e se constitui na ressonância com a essência do ser.

Para Espinoza, a liberdade se opõe ao constrangimento. Os homens, quando constrangidos por forças externas que diminuem sua potência de agir, permanecem em estado de servidão. Esta seria a função dos sacerdotes e déspotas: impingir a culpa e o medo em seus súditos para que suas potências de agir sejam diminuídas para que continuem em estado de servidão. Deste modo, quando os seres humanos se tornam a causa ativa de suas ações, passam a atuar em consonância com sua essência, produzindo um aumento na potência de agir, promovendo a alegria e o exercício da liberdade. Seremos sempre constrangidos por forças externas em maior ou menor grau, mas o ser humano pode ser parcialmente livre sempre que age através do pensamento e do poder da invenção de novos modos de vida. Quando as forças ativas dominarem as forças de submissão, quando as paixões alegres dominarem as paixões tristes, quando a causa da existência vier de dentro dos seres humanos, tornar-se-ão perceptíveis e tomaremos conhecimento que, para além de um conjunto de hábitos adquiridos por meio dos constrangimentos exteriores, há a potência criativa em movimento, engendrando encontros alegres, encontros que convêm ao corpo e que aumentam sua energia vital ou potência de agir. Na proposição 39, da Parte V, “A potência do intelecto ou liberdade humana”, da obra *Ética*, Espinoza nos diz: “Quem tem um corpo capaz de muitas coisas tem uma mente cuja maior parte é eterna” (SPINOZA, 2008, p. 405). “Eterna” no sentido em que são infinitas as possíveis combinações; haverá sempre um novo movimento a ser feito, uma nova composição. Não é uma questão da imortalidade da alma, tão pouco da narrativa mitológica de origem. Não é uma questão nem do futuro, nem do passado, mas do agora, do encontro.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G. **Espinoza**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

SPINOZA, B. de. **Ética**. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.